

# AÇÃO DIRETA

Diretor: JOSÉ OITICICA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Administrador: MANUEL PERES

Redação: AV. ERASMO BRAGA, 227-5.º ANDAR — SALA 519

ANO VII — N.º 95

Rio de Janeiro — Setembro e Outubro de 1954

Preço: Cr\$ 1,00

CAIXA POSTAL 4.588

## 3 ENGANOS SOCIAIS

(FÉRIAS, PREVIDÊNCIAS E LUGROS)

ESTÁ À VENDA ESTE INTERESSANTE LIVRO DE PEDRO FERREIRA DA SILVA

Pedidos a "Ação Direta"

Cx. Postal 4588

Preço Cr\$ 30,00



## NA CIDADE DE CRUZEIRO UMA EXPERIÊNCIA ANÁRQUICA

A revista *O Mundo Ilustrado*, em seu número de 18 de agosto passado, páginas 12 e 17, dá-nos uma reportagem inesperada e de incalculável valor documental. Revista burguesa, portanto insuspeita, descreve e fotografa um típico movimento anarquista, deflagrado, com êxito admirável, aqui perto, na cidade paulista de Cruzeiro.

A revista designa o movimento com o adjetivo socialista; porém, tal adjetivo, hoje totalmente ambíguo, não o caracteriza convenientemente. Devemos-lhe chamar: *experiência anarquista*, porque sua gestão, em tudo, é profundamente anti-autoritária, anti-estatal, anticlerical, lididamente, popular, econômica, revolucionária.

Demos a palavra ao repórter Vinícius Lima, evidentemente entusiasmado com o processo de *AÇÃO DIRETA* revolucionária:

"Informados pelo construtor Milton Parnés, fomos à cidade do Cruzeiro que o nosso informante dizia achar-se em pé de guerra. Tudo era muito simples, dizia ele: o Prefeito da cidade, dr. Avelino Junior (médico eleito à revella) assumira o governo da cidade e resolvera trabalhar. Mas, quando reuniu os vereadores e lhes falou de seus planos, ouviu da maioria, através de seus líderes, que concordariam com a construção das pontes, das estradas, dos mercados e das escolas desde que as estradas passassem em suas fazendas e a concorrência das demais obras fosse "ganhas" por pessoas indicadas por eles. Várias tentativas foram feitas com o fito de demover os vereadores de suas intenções e, como aqueles senhores (latifundiários) persistissem em seus pontos de vista, o Prefeito reuniu o povo em praça públi-

ca e pronunciou um discurso mais ou menos assim: "Povo de Cruzeiro! fui eleito para trabalhar pelo povo, mas, quando disse aos vereadores que pretendia trabalhar honestamente, eles se revoltaram e decidiram não aprovar nenhum decreto meu. Pensei e concluí que a única maneira de realizar nossas necessidades é nós mesmos pegarmos na pá e na picareta e cuidar de fazer o de que necessitamos".

E lançou mãos à obra com o apoio entusiástico do povo. A primeira experiência foi a construção de um jardim público. Havia um local em plena cidade. O povo atendeu-o e em pouco tempo ergueram o jardim.

Depois do jardim, resolveram construir um cinema pois havia dois, péssimos, de quarta categoria, pertencente a um monopólio. E o fizeram. A revista nos regala com a fotografia da casa de diversões onde hoje se passam bons filmes em vez dos velhos filmes, projetados pelo monopólio.

Urgia consertar as estradas. Isso foi obra realizada com grande alegria, nela trabalhando homens e mulheres e até alguns vereadores, amigos do Prefeito. Do conserto das antigas estradas passaram a construir novas. A fotografia que reproduzimos mostra o povo trabalhador acudindo ao serviço como se fosse para uma festa.

Enquanto uns abriam estradas, outros erguiam um mercado. Em tudo foram auxiliados por um construtor o sr. Milton Parnés que aderiu, entusiasmado, ao movimento.

De realização em realização, passaram a obra de maior vulto: canalizar água pura para a cidade.

Havia o projeto de aproveitar-se água do rio Paraíba, próximo; mas, a água era suja e as despesas exor-

bitantes (quinhentos contos anuais). Resolveu-se, em praça pública, ir buscar água pura na serra da Mantiqueira, 12 quilômetros distante. Fala agora a revista *O Mundo Ilustrado*: "Os canos foram comprados; mas, na hora de os colocarem pelos caminhos, os latifundiários (tais como os índios quando da construção da estrada de ferro Madeira-Mamore) impediram que passassem em suas terras. Por isso, os canos tiveram de dar voltas enormes, tornando a obra muito mais cara; mas, em compensação, os cruzeirenses terão água mineral em suas torneiras e sem o ônus do tratamento absurdo que a oposição desejava".

Porque isso? O sr. José Riston respondeu à pergunta do repórter:

— Porque, com a compra da maquinaria, só de comissões os nossos antagonistas ganhariam mais de 10 milhões de cruzeiros!

O mais eficiente, como resultado desse movimento anárquico, é que a Câmara Municipal dos senhores vereadores, tornada praticamente inútil, foi fechada.

Outras realizações foram feitas. Construíram na cidade 14 pontes de cimento armado, foram abertas oito ruas; fundaram-se 12 postos de assistência médica e dois grupos escolares.

Qual o processo coordenador dessas atividades? Como obter dinheiro? As deliberações são tomadas em praça pública. Aprovadas, coleta-se o dinheiro (infelizmente ainda essa praça não puderam destruir) e as quotas obtidas são registradas numa grande lousa pendurada a uma esquadra com o nome do doador, de modo que se impossibilita a rapinagem, tão comum.

Como se vê, obra rigorosamente anárquica e onde mais uma vez se prova a capacidade construtiva dos trabalhadores quando agem por si mesmos, livres das peias da burocracia, da autoridade, do Estado em suma.

Nota edificante: em Cruzeiro, com 30.000 habitantes, só há uma igreja e lá, acentua o repórter, o padre não manda.

Feliz povo e feliz exemplo!

Os companheiros de todo o mundo registem mais esse assustante documento do acerto das nossas doutrinas.

Acrescenta a reportagem de *O Mundo Ilustrado* que os municípios vizinhos, ante os magníficos resultados da *AÇÃO DIRETA* em Cruzeiro, estão imitando os cruzeirenses.

Oxalá, se contaminem todas e mandem à *tubus* seus inúteis vereadores.

Viva a anarquia!

## A TRAGÉDIA E A CARTA

Para nós, anarquistas, o suicídio de Getúlio Vargas é mais um doloroso drama do capitalismo. Neste nosso triste regime de propriedade particular, de possuidores que se entrefuram e não possuidores sistematicamente explorados, os cargos públicos são postos de mando, são chaves na distribuição dos favores e engrandecimento pessoal.

Os postos de mando são disputados. Dai as lutas políticas, a ambição de galgar as escadarias de palácios e ministérios, a ansia de fama e prestígio.

O prestígio favorece os negócios ou, nos inescrupulosos, as negociações. Certas convulsões políticas, como as guerras, suscitam aventureiros, felizes uns, outros desventurados, todos eles, porém, semeadores de ventos e, não raro, colhedores de tempestades. Entre os modernos, Hitler, Mussolini, Trotski, Stálin, Perón, Getúlio Vargas.

Todos se valem da demagogia no regime do número soberano, da massa votante, semi-analfabeta e fácil de levar-se com palavras sonantes e frases vazias.

A massa agrada-se com discursões, promessas bombásticas, fanatismos habilmente suscitados. O político há de ser velho, manhoso, versátil, escorregadio, conchavista e, bastas vezes, acomodaticio, tolerante, rédeas soltas, hoje no coice, amanhã no cambão, seguro na gangorra, mas oleoso e malfúio.

Os homens mais íntegros, mais dados ao estudo, mais profundos de alma e mais severamente justos não se adaptam à política, retraem-se, fogem dela. E' um terreno apropriado aos caracteres aventureiros e gananciosos. Os aliciantes melhor vencem. Formam grupelhos, grupos, partidários, coeficiente eleitoral, partidos. Trabalho intenso, tremendo, com ligações e subserviências aos donos do ouro, aos possuidores de alto bordo. A muitos ajuda a sorte, um parente que sobe, um acaso oportuno. Tudo aventuras, audácia, aproveitamento, exploração psicológica da massa eleitoral, desesperos por vezes, não raro decepções amargas.

A de Getúlio Vargas foi amaríssima e forçoso é confessar, por muita culpa própria.

A nós, anarquistas, pouco ou nada interessa mostrar os pros e os contras. Uns mais, outros menos, é tudo vinho

## ELEIÇÕES

A democracia, clamam democratas de todos os calibres, cores e formas, assenta nas eleições livres; mas, essas eleições livres exigem muitíssimo dinheiro. Portanto, já sofreu tremenda restrição: livres para quem pode com elas gastar mundos e fundos. Ou há dinheiro ou há meios de distribuir empregos ou meter mão larga nos cofres públicos. Hoje é notório como Roberto Alves precisou de quinhentos contos para se fazer deputado e como os obteve. Debates na Câmara dos Deputados mostram, a toda evidência, a que tremendas corrupções leva a luta eleitoral, portanto, o sistema democrático.

De um dos mais acreditados órgãos burgueses, trasladamos êstes períodos elucidativos que os trabalhadores devem ler e sobre eles meditar:

O sr. Alberto Deodato, Jogo em seguida, também da tribuna, desenvolveu denúncia do seu colega de Minas, afirmando que o PTB — legenda a que se filia o sr. Camilo Nogueira da Gama — está usando a política de incluir em dinheiro na sua chapa a fim de, pela corrupção, tentar eleger alguns representantes. Incluiu, além do sr. Gama, um pretendido dono de vários bancos. Mas o PSD também usa o mesmo método, tendo incluído o sr. Válder Moreira Sales na sua chapa de deputados federais.

Recordou o orador, mais adiante, promessas do sr. Getúlio Vargas contra o uso dos cargos públicos por candidatos, e passou a apontar a corrupção exercida pelo governo. "Esta é verdadeiramente assombrosa. Trata-se da corrupção dos Ministérios através de obras, serviços e empregos. Trata-se da corrupção através das autarquias, porque o regime é federativo. Infeliz do Estado cujo governador se rebelde contra a União, porque todas as forças poderosas, a força do emprego, a corrupção da Caixa Econômica Federal, dos serviços, tudo se acha concentrado nas mãos do Governo Central. E mandou que perguntassem ao sr. Gustavo Capanema que fim levaram os seus dois mil votos em Abaeté; ao deputado Mário Palmerio, o que acontece em Tupaciguara, Monte Alegre e Coromandel, onde se multiplicam as agências do Banco do Brasil. Além do dinheiro das repartições oficiais, há o do sr. Euvaldo Lodi, que "é de estarrecer". "É uma verdadeira calamidade pública, não há quem aguente". Tem informações o orador de que, no próprio gabinete do sr. Getúlio Vargas, um candidato do PTB está fazendo misérias no eleitorado mineiro. E concluiu cobrando do presidente da República a promessa de exoneração daqueles que se servem dos cargos públicos para corromper...

A corrupção pode facilmente ser exercitada pelos próprios detentores do poder e assim o fazem realmente. Getúlio Vargas foi eleito com a dinheirama da gente rica, já bem conhecedora de quanto poderia, à sua sombra, centuplicar o dinheiro empregado.

Agora, na Câmara dos Deputados, acusam o governo, e descobrem o crime nos próprios itens do decreto sobre os ágios do ministro Osvaldo Aranha, que foram, desde o início, destinados à campanha eleitoral de 3 de outubro. Eis um trechinho de ouro:

O caso dos ágios foi retomado pelo sr. Castilho Cabral, que analisou o decreto dispondo sobre a sua aplicação. O orador encontra no decreto inteira confirmação das promessas eleitorais feitas pelo "candidato da ala gaúcha do PTB de São Paulo", sr. Vladimir Piza: isto é, os ágios vão ser largamente aplicados em benefício da campanha eleitoral do PTB.

O que tem custado êsse PTB à nação, êsse PARTIDO DOS TUBARÕES BRASILEIROS! Quando terminará essa tremenda comédia das tais eleições livres aqui, nos Estados Unidos, na Rússia dos Sovietes, no mundo inteiro, intrujado por essa tremenda mentira política!

Lembrem-se todos de que, na culta Alemanha, as eleições livres deram Hitler e o nazismo. E basta!

## O QUE SÃO AS PREVIDÊNCIAS

Não cessaremos de mostrar aos trabalhadores, não já com palavras nossas, senão com o testemunho dos menos suspeitos, o nenhum valor das autarquias criadas pelas leis chamadas trabalhistas, que não passam de leis altistas, isto é, leis que concorrem poderosamente para a alta pavoresa dos preços.

Do "Diário de Notícias" de 30 de junho último transcrevemos a opinião do Sr. A. Medina da Casa Garson.

Diz ele, mostrando o absurdo das novas taxas previdenciais já derrogadas pelo presidente Café Filho:

— Esses Institutos, afinal de contas — é opinião de todos — pouco ou nenhum auxílio prestam realmente aos contribuintes. Seus serviços médicos são notoriamente deficientes. Basta ver as filas enormes que se formam diante dos ambulatórios por eles mantidos. Quanto aos financiamentos imobiliários, todos sabem como funcionam: quando são abertas as inscrições, já a verba está toda distribuída.

— E um dinheiro que dispndemos inutilmente. Inútilmente para nós, diga-se, mas não para aqueles que se beneficiam com operações de toda espécie, estranhas à verdadeira finalidade dêsse imposto. O aumento, não temos dúvida, servirá para tudo, menos para aliviar as dificuldades de nossas famílias.

— Posso dizer que reflito a opinião do comércio, em geral — disse-nos o sr. A. Medina — ao apelar para o bom senso de nossos governantes, no sentido de que seja sustada essa medida, cuja repulsa por parte de todos já se tornou tão evidente.

Realmente, essas autarquias têm servido para tudo menos para favorecer as famílias dos trabalhadores. Têm servido, isto sim, de valioso meio de os fludir e escravizar.

# PORTUGAL E ESPANHA CAVERNAS DO FASCISMO

Por VARLIN

O fascismo, que teve já uma fase repugnante na Itália de Mussolini, está hoje bem enraizado na Península Ibérica, regado com sangue por Franco e Salazar. Por estranho que pareça, já lá vão 28 e 18 anos, sem nenhuma possibilidade de destronar os sinistros Cafres da Europa, como bem os classificou o grande filólogo Rodrigues Lapa em 1949.

Ao destacarmos as lutas da C. N. T. (Confederação Nacional do Trabalho) espanhola, e F. A. I. (Federação Anarquista Ibérica) na revolução espanhola de 1936, temos que lembrar o apoio da C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho) portuguesa, e F. A. P. E. (Federação Anarquista Portuguesa no Exílio). Embora já na clandestinidade, estas duas organizações sujeitas à pressão sistemática da GESTAPO de Salazar, tendo na deportação um bom número de militantes, pois sobre elas pesava, havia dez longos anos, o jugo do fascismo, não vacilaram em prestar o seu apoio moral e material à heroica luta que, embora vencida por um bloco de forças concentradas no fascismo capitalista, deixou bem visível o grandioso marco da soberania proletária.

A reação, ou seja o capitalismo internacional, viu claramente que os trabalhadores podem viver sem a interferência dos patrões, da polícia, do padre e dos governantes. Como? Elevando a produção para que nada falte ao povo e tomando nova orientação, que nivela totalmente o explorador com o explorado, tornando-os assim iguais em direitos e deveres, destruindo essas organizações, a praga dos parasitas humanos. Lembramos aqui a luta subterrânea dos companheiros portugueses, não só por serem vítimas do mesmo fascismo e terem perdido bom número de relevantes companheiros, mas ainda porque, ao mesmo tempo que se comemora o 18.º aniversário da revolução espanhola, se celebra o 17.º aniversário fatídico da criação do "CAMPO DE MORTE DE TARRAFAL" por decreto-lei n.º 26.539 de Salazar. Para aquele campo estavam destinados os bravos marinheiros que se revoltaram ao serem mobilizados para irem com-

bater em Espanha, a favor de Franco. Se levantamos o nosso brado em defesa dos mártires da Espanha, vítimas do fascismo, não podemos esquecer que mártires do mesmo fascismo e pela mesma causa da revolução espanhola ainda hoje sofrem, no Campo de Concentração de Tarrafal, os horrores do tão odioso matadouro humano.

Entretanto, o governo português contribuiu para a guerra de Franco contra o povo espanhol com 50 mil homens e enorme quantidade de material bélico. A Emissora Regional Portuguesa, patrocinada pelo facinoroso Batelho Morriz (um dos oficiais da "Legião Portuguesa" que combateu ao lado de Franco), levantou tremenda campanha de difamação e calúnia contra o Espanha livre. Por sua vez, a Polícia Internacional e Defesa do Estado (P. I. D. E.), às ordens de Salazar e Cia., cortara os fios telefônicos da embaixada espanhola em Lisboa e prendia todos os que apoiavam as forças chamadas "vermelhas". Ao mesmo tempo, os jornais espalhavam notícias falsas por imposição da P. I. D. E. e comissão de censura da imprensa. As prisões abarrotavam de presos.

Surge, então, uma tentativa frustrada de justiça. Um grupo de anarquistas, com o objetivo de libertar os seus camaradas e tornar possível a eclosão de uma revolução que derrubasse a ditadura de Salazar (a escora n.º 1 de Franco) praticaram um atentado contra o tirano português. Infelizmente, não teve este o resultado almejado, do que resultou serem presos os ajudados companheiros, alguns dos quais morreram nas prisões e outros ainda por lá sofrem. Este rasgo altruísta, relacionado com a revolução espanhola, deve ser lembrado como luta paralela às batalhas de Barcelona em resposta à traição dos partidos políticos sob a direção do Partido Comunista Espanhol.

Como se sabe, a insurreição espanhola não foi desencadeada pelas organizações operárias, como os confusionalistas espanhóis, ou suas organizações, não fizeram mais do que

assegurar as liberdades conquistadas. A este respeito a "História da Revolução Espanhola" pelos jornalistas franceses R. Brasillach e M. Bardèche, é bem clara, pois frisa que Gil Robles e Sanjurjo, depois de passarem pela Itália, subscreveram um tratado em Portugal, assinado pela Itália (Ministro Pedrazzi), pela Alemanha (Hans Herman Vollkers) e Salazar por Portugal. Impunha esse tratado a obrigação de apoiarem, com armas e pessoal, o sanguinário levante fascista, que deu ao povo espanhol o regime que hoje ali vigora. Ao acusarmos os fascistas de autores do esmagamento das classes laboristas da Espanha, denunciavam também a vergonhosa traição do Governo de Valência e Barcelona de orientação comunista, provocando os trágicos incidentes da morte de Durruti e da matança de anarquistas em Barcelona. A Associação Internacional dos Trabalhadores, reunida em plenário em Paris, nos dias 11, 12 e 13 de junho de 1937 para examinar os acontecimentos da Espanha, depois de apreciar as explicações do secretariado da A. I. T. e dos representantes da C. N. T., Federica Montseny e Garcia Oliver, aprovou um documento com as seguintes conclusões: 1) Os acontecimentos desenrolados em Barcelona tinham o fim de arrebatá-lo à C. N. T. o controle das empresas e da fronteira e, ao mesmo tempo, os locais e postos importantes que a mesma ocupa, exterminar os seus militantes e estrangular a Revolução; 2) A ação vinha sendo preparada entre os governos de Barcelona e Valência, à margem dos representantes que a C. N. T. tinha nesses governos, fazendo parte d'um plano concebido pelos partidos políticos sob a direção do Partido Comunista Espanhol, executor das ordens do Governo Soviético; 3) Esse plano tem caráter internacional e serve os interesses capitalistas anglo-franco-americanos, dos quais a diplomacia anglo-franco-russa se fez campeã, propondo e advogando a não intervenção, o bloqueio, o controle terrestre e naval e a mediação; 4) A mediação, hoje recusada pelo governo de Valência, por motivos de oportunidade, tende a uma paz cobarde, a um convênio das forças políticas adversárias, sob a direção da França e da Inglaterra, para restauração oficial, em favor de uma república democrática e parlamentar, quando a revolução espanhola tem um alcance social muito mais profundo.

Em face disso o plenário declara: a) A guerra desencadeada pela contra-revolução militar fascista deve ter cada vez mais caráter de libertação total do proletariado espanhol e, por esta razão, tem de ser profundamente revolucionária; b) Sendo assim, a precupação dominante da C. N. T. deve ser realizar completamente a Revolução Social; c) A admiração ao valor invencível das massas operárias e camponesas da Espanha e muito especialmente dos trabalhadores da C. N. T., permanece intacta, apesar de todas as vicissitudes duma luta desigual; d) A solidariedade do proletariado internacional à C. N. T. continua inquebrantável, suceda o que suceder.

Finalizando lê-se no mesmo documento: "Estamos convencidos de que a C. N. T. permanecerá fiel aos princípios e à doutrina da A. I. T. e marcará tão depressa quanto o ambiente lhe permitir, uma direção segura dos acontecimentos". Por sua vez, o plenário pediu ao secretariado da A. I. T. que comunicasse oportunamente à C. N. T. o pensamento da A. I. T., sempre que surja qualquer acontecimento importante.

O bravo povo espanhol, trucidado pelo fascismo de Franco não morreu. Vive ainda, e é o que mais luta, forte como jamais. Cada espanhol fuzilado pela polícia terrorista do fascismo franquista, multiplica o número de adversários. Já dizia certo anarquista português: "Por cada operário morto pela polícia, aparecem mil para assistir ao seu enterro". A península ibérica foi assaltada por um bando de terroristas que não tem feito outra coisa senão fuzilar e matar, por morte lenta. Franco manda fuzilar e Salazar, para se tornar aparentemente mais humano, manda os nossos companheiros morrer em casa como, em fins de março do corrente ano, aconteceu ao camarada Luiz Joaquim Portela, preso desde 1932 e libertado quando já tuberculoso e prestes a morrer. Esse camarada foi um dos maiores mártires da P. I. D. E. Se a nossa pretensão não é outra, que a de defender os explorados, levantemos o nosso brado de revolta contra todos os tiranos e o nosso grito de dor em favor de todos os oprimidos.

## A Igreja mesquinha

Telegrama do dia 6, de Paris, reza a propósito do enterro da famosa escritora francesa Colette: "Não haverá cerimônia religiosa alguma. O arcebispo de Paris negou autorização para que, na igreja de Saint Roch, que a escritora costumava frequentar, se oficiem serviços fúnebres. Fontes católicas declaram que a recusa se deve ao fato de se ter a novelista divorciado por duas vezes, pelo que qualquer ato religioso seria incompatível com os preceitos da Igreja".

Preferível certamente a Colette estar com Jesus Cristo que perdoo à adúltera.

Não haver um Cristo hoje que escrevesse na areia os pecadilhos e os pecadões dos muitos arcebispos e cardeais que infestam a terra!

Seria fácil mostrar complicações da Igreja com divorciados e adúlteros de alto bordo, Mussolini, por exemplo.

Grandes hipócritas e grande salafrária!

## CARTA DE FRANÇA

### MENTALIDADE LIMITADA E NACIONALISMO

Por J. FLORISTAN

O cultivo intenso do nacionalismo tem sido imprescindível, em todas as épocas, à política. A sombra do culto ao nacional, têm medrado muitos mediocres. O nacionalismo causou muitos estragos sempre e é uma das pragas mais difíceis de combater. Sempre foi engendrador de desastrosas guerras em todo o mundo, através de toda a história e, ainda hoje, quando parece haver o intelecto da grande massa, dá azo a não poucas dissensões entre povos vizinhos.

Lendo *El proletariado militante* de Anselmo Lorenzo, vemos que esse dileto companheiro teve ocasião de comprovar quanto pouco se ocupam as pessoas de saber como vivem, a que se dedicam ou como pensam as pessoas de uma região vizinha. Contamos a estranheza de um operário marseilhês, tipógrafo, ao ouvir alguém cantarolar a música de uma ópera, pois não lhe entrava na cabeça pudesse haver ópera em Madrid ou quem a ouvisse. Outro, de Paris, estava certo de que na Espanha se fechavam as casas entre as onze da manhã e às três da tarde e se dizia: "já não andam nas ruas senão os cachorros". Ainda tratando-se de obreiros intelectuais, não eram capazes de discernir as causas de outro modo.

Isso, porém, ocorreu há mais de setenta anos. Mais perto dos nossos dias, antes de durante nosso atual exílio, temos tido ocasião de ouvir coisas parecidas; por exemplo: "Há bondes na Espanha?" perguntava um jovem a certo companheiro. Ao que este respondeu: "O que não existe na Espanha é esse escorrer de águas sujas pela rua". (Será daí que vem o nome de *arroio* dado à rua?) Há quem haja perguntado, e sal-

ha-se que falamos seriamente, se em nosso país a lua é como aqui; se temos electricidade nas povoações; se ainda há mulheres que andam de farda escondida na liga, etc. etc.

Tudo não é mais que mostras de mentalidade limitada, a qual, discutível no século passado, já o não é hoje. Não cabe atualmente esse elementar desconhecimento dos países circunvizinhos. Mas, impõe-se conhecê-los com a maior amplitude possível, porque, desse modo, a compreensão e conhecimento mútuos irão destruindo todas essas barreiras que nos separam e mais fácil se torna o entendimento entre todos os homens e a preparação de conflitos sangrentos sofrerá tão rude golpe, que a declaração de nova guerra pouco menos será que impossível.

Se, há 88 anos, foi azada a reunião do primeiro congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, grande passo em prol da cultura e capacidade dos povos e contra o nacionalismo de ruela, não há razão para que exista hoje esse desconhecimento, essa incompreensão, essa tão limitada visão das cousas. A menos que se queira prosseguir nas mãos de pastores interessados em que ninguém obedea a outra voz senão à sua.

Prescindir dos que desejam ter o mundo sob seu punho e emancipar-nos deles tão necessário é, como liberar-nos do jogo da exploração capitalista.

Abramos nosso intelecto a todos os ventos; capacitemos-nos em todo sentido, quanto mais, melhor; refugemos, por nefasto, o culto do nacionalismo de pátria pequena e teremos iniciado a revolução em nós mesmos, passo primordial para a emancipação de toda a humanidade.

# UM MARTELO NA CABEÇA

P. Ferreira da Silva

Veio a mim o companheiro e falou de eleições. Da situação afletiva dele e de seus irmãos trabalhadores. Do abandono em que os deixam os governos, que não acodem a quem é roubado pelos negociantes, explorado pelos patrões, enganado pelos políticos. Que queria ele então? Queria reagir por meio do voto. Que era uma grande força, o voto! Capaz de virar a sociedade de baixo para cima. Capaz de fazer entrar tudo nos eixos, de levar ao governo quem no governo soubesse fazer justiça a quem trabalha.

Deixei-o falar. Indaguei depois como entendia o funcionamento do voto. Em quem ia votar. Se não era, afinal, igualmente político este ou aquele candidato. Se o governo não vinha a ser o mesmo, sempre o mesmo, e os negociantes os mesmos, sempre a roubar-nos, e os patrões os mesmos, sempre a explorar-nos, e os políticos sempre com os mesmos processos, a enganar e a viver à custa dos enganados.

Também perguntei se não conhecia outros meios de reagir. Se não achava que o lugar do trabalhador que se interessa pelas lutas da sua emancipação não é no sindicato, se o sindicato não pode levar a vontade coletiva a imprimir outras formas à nossa vida social, se os trabalhadores sindicalizados não seriam capazes de acabar com a política e com os vive-dores da política, se o sindicalismo não pode tomar a si a tarefa de alterar as relações econômicas.

Então ele confessou que sim. Acreditava no sindicalismo, sabia que, unidos em seus sindicatos, os trabalhadores alcançam influências talvez imprevisíveis. Mas...

Estava desanimado. Tornara-se descrente dos sindicatos, porque os sindicatos estão presos. Não são livres, nem os trabalhadores têm a liberdade de se associar a seu modo e a seu modo resolver os seus problemas, as questões de seu maior interesse. Porque os sindicatos são dominados pelos políticos "trabalhistas" e manobrados por eles e só fazem o que a eles convém. Os trabalhadores aí não elegem, não escolhem, não deliberam sem a vigilância e o consentimento de quem tudo pode querer e apoiar, menos a liberdade e a independência dos trabalhadores.

Por isso queria votar. Mudar os políticos. Mudar o governo. Para que outro governo desse liberdade aos sindicatos. Para que outros mandantes permitissem a ação livre dos que trabalham, do povo, das instituições proletárias.

E achava ele, o companheiro proletário, que teria força para tanto? Que ele e seus companheiros, nós todos, seríamos capazes de influir desse modo na vida pública? Sim, acreditava que sim.

Ora, vamos racionar. Há por força aí um vado escusado, um desvio de ações ou uma ação erradamente concebida. Ou então, eu não entendo

mais nada. Pois não vê que os trabalhadores nem sequer tiveram ainda os sindicatos das algemas em que vivem apertados? Se há força para levar a cabo uma reviravolta eleitoral, afim de que outros governantes mudem a vida dos sindicatos, também há de havê-la para provocar e consumir reviravolta maior ainda no próprio seio dos sindicatos, fazê-los livres e viver dentro deles sem receio e fazer com eles todas as transformações que convierem à melhoria social e econômica da nossa vida de homens úteis.

Por que dar a outross a nossa própria força? E' como um sujeito que estivesse acorrentado pelos pés e, com as mãos livres, pudesse ainda preparar um bom martelo para quebrar os grilhões. Preparou o martelo e, quando ia passando perto dele um estranho, pediu-lhe que desse umas pancadadas ali, naquelas ferras, para desmanchar a prisão. O outro agarrou o martelo, gostou do instrumento, achou que não estava obrigado a manê-lo e foi-se embora com ele. Só então o idiota percebeu que podia ter vibrado, com suas próprias mãos, o golpe libertador. Mas era tarde. Os seus braços agora estavam desarmados e caídos. Foi até muito feliz porque o outro não lhe deu com o martelo na cabeça. Exatamente o que acontece aqueles que, podendo emancipar-se por si mesmos, vão votar em quem os amarra e escarnece e estupra todo o resto da vida.

## III ROGÉRIO MENDOZA

Quando Rosa Maria voltou do convento onde se educou até os 16 anos, vivia em casa de seu avô, como hóspede e auxiliar, um rapaz aparentado, primo segundo de Rosa Maria.

Chamava-se Rogério Mendoza e estava com eles enlaçado por um dos ramos femininos da casa Riera.

Rogério Mendoza contava então 23 anos. Era o que se chama um bom moço, guapo, esbeto, bem falante, trabalhador e inteligente. Mas os Mendozas, empobrecidos, tinham de trabalhar para viver. Don Marcelino, compadecido do sobrinho, ocupou-o na qualidade de técnico agrícola.

O fato é que o jovem o serviu. Cuidava da terra com esse amor que no cultivo põem os que a amam, não pelo interesse do rendimento senão por sutil atração e sentimento filial. Laboriosíssimo e de esperta inteligência, zelava pelos interesses do tio como se próprios fossem e mais que pelos seus, pois o rapazola era sensível; agradecido, devotado com sobras o que lhe davam.

Quando não sentiu, mais tarde, quando já não havia jeito, o velho Riera, não haver casado sua neta com Rogério! Mas, então, estava ele embelezado da pequena e um rei lhe parecera pouco, ainda que se crese em reis de origem divina.

Mal viu estarem-se os jovens gostando um do outro, que Rogério não desfitava a prima e os olhos de Rosa, ao pé de Rogério, se iluminavam, temendo prematuros desajustes, tirou de casa o moço e, com falas boas e bons atos, o embarcou para a América, bem recomendado.

Rosa Maria se fez um tanto pálida, perdeu o apetite; mas, foi cousa de um mês.

— Uma criança — dizia o avô, tranquilizado, enganado ao ver a jovem rir, correr, divertir-se, brincar como cabrita.

Passou-se um ano e ningué se lembrou mais de Rogério.

Apresentou-se o primeiro pretendente, um primogênito de casa rica, de sobreexcepcionais condições morais e físicas, matrimônio conveniente para Rosa Maria e os Rieras só qualquer aspecto.

— Ainda sou muito criança, avô! — disse a moça sorrindo. Já me queres separar de ti tão depressa?

O velho, que jamais se atreveria a constrangê-la, exortou-a ponderando-lhe as excelsas condições de José Luis. A jovem, meiga mas tenaz, meneava a cabeça, beijava o avô e se punha a rir.

A princípio, Rogério escrevia com frequência, não lhe esquecendo pedir notícias de Rosa Maria. O velho, convencido de que nada ficara no coração da neta, comunicava a recepção das cartas

# DIREITO AO FILHO

novela de FEDERICA MONTSENY  
(tradução de José Oiticica)

(Continuação do número anterior)

e explicava que Rogério, empreendedor e inteligente, ia abrindo caminho, fazendo-se, como se diz, um homem.

Depois, foram as cartas poucas e pouco escasseando e acabaram por cessar. Em vão, as esperava Rosa Maria. Terminaram por dele terem só notícias indiretas e essas notícias eram contraditórias. Ao passo que umas referiam ter-se Rogério feito quase milionário, outras asseguravam ter abandonado sua nascente fortuna para abraçar com alma e denodo idéias subversivas, teorias revolucionárias cujo nome só fazia estremecer os cadeiões da casa Riera.

O avô lamentava-o com toda a alma. Rosa Maria, muda e palpitante, escutava e, no dia em que lhe chegou às mãos um jornal de Buenos Aires, com um retrato de Rogério, encarcerado após um comício em que houve mortos e feridos e onde falou Rogério defendendo teorias atentatórias da ordem social, don Marcelino declarou que sentia muito o desvario do sobrinho e lhe ficava o remorso de haver contribuído, em parte, para sua ruína moral havendo-o mandado para Buenos Aires; mas, não havendo remédio ao mal, o melhor seria considerá-lo morto, desejando que se lhe não pronunciasse o nome em sua presença.

Rosa Maria empalideceu e retirou-se para descansar pretextando forte dor de cabeça.

Nada, nada mais souberam dele.

Porém, desde esse momento, encerrou-se ainda mais Rosa Maria e, com maior firmeza, rechaçou quantos partidos lhe propunha o avô.

— E' que puseste os olhos em alguém e esse não te fala? Não sei que pensar minha filha! Não é possível que permaneças solteira. Que será de ti quando eu faltar? Que será de nossa casa se ficar sem herdeiro? Tem confiança em mim, Rosita, e diz-me em quem pensas e que pensas.

— Não penso em nada, em ninguém, avôzinho, respondia sorrindo. Não me agradam os pretendentes propostos e, como não me agradam, prefiro ficar solteira.

— Mas, dás preferência a alguém?

— Tenho um sonho e, enquanto não se verificar o sonho, esperarei.

De sonhos ninguém pode virer e já passas a idade de esperar. Agora é escolher.

Pois escolho entre o matrimônio e a solteirice. Fico solteira.

— Rosa Maria! Rosa Maria! vé o que fazes!

— Mas, deixemos isso, avôzinho. Não estamos bem assim? Porque tantas quebras de cabeça?

O velho virava o rosto e Rosa Maria saltava-lhe ao pescoço beijando-o.

De Rogério, esteve a jovem sem saber anos e anos. Havê-la-ia esquecido? Suspirando, a jovem dizia:

— De certo. Como conservar um carinho que não se sabe ser correspondido? Como não olvidar a imagem a que nada nos liga? Nem um objeto, nem uma palavra, nem a recordação fugaz de uma emoção. E eu! e eu! e eu! sem poder esquecê-lo, esperando sempre, sempre, sempre, o amor que jamais virá!

Rosa Maria era dessas mulheres que esperam, dessas que outrora aguardavam perquirindo com profundo olhar os caminhos, a volta do amado, a súbita aparição do que haviam de amar.

Rosa Maria era dessas mulheres que esperam sempre, sempre, sem cansaço, sem possível olvido, que vivem alimentando a paixão com sua própria paixão dessas mulheres que, por trás das gelostas, junto às lareiras acesas, vêem passar, hieráticas e imóveis, a fieira dos dias, esperando esse em que ele, um ele único entre todos, há de chegar.

## IV "ELE" CHEGA

Ele, um dia ou outro, havia de chegar. E eis que, um dia, ele chegou. Rosa Maria já se levantara e arranjava uns vasos no jardim. Adela fôra abrir a central. Abria-a todos os dias e ficava uns momentos à porta, observando se a pratica, os bancos, a igreja e pousada haviam mudado de lugar, se tudo lá no mesmo.

Abriu a porta e viu, sentado em seu escabelo, vestido de escuro e coberto com chapéu amplo, um homem.

— Que deseja o sr.? perguntou-lhe afavelmente a ancia.

— Entrar, se me permite.

Pela voz o reconheceu.

— Jesus! E' Rogério! — disse espantada a boa senhora.

— Eu mesmo. E' d. Marcelino? E' Rosa Maria?

— Meu pai morreu. Rosa Maria está lá dentro. Entre. Vamos buscá-la.

(Conclui na pág. 3)

# Não Matarás!

Por EDGART RODRIGUES

Do alto do monte Sinai, Javeh rugiu: — "Não Matarás o homem, criação minha feita à minha imagem e semelhança!"  
 Porém, a Igreja benze as armas destruidoras e assassinas.  
 "Não Matarás!" — diz o senhor Deus.  
 "Não Matarás!" — diz a religião de bondade, enquanto crepitam as chamas das fogueiras da Inquisição, devorando seres humanos.  
 "Não Matarás!" — dizem os códigos que fixam a pena de morte.  
 "Não Matarás!" — exclama o Senhor Eugênio Pacelli (Papa Pio 12) encasulando nas 12 antecâmaras, protegidas cada uma delas por um destacamento de gendarmes (guarda palatina) de baioneta calada. "Não Matarás!" — grita monsenhor Montini, o Ministro do exército do Vaticano (tem às suas ordens, prontos para matar, 600 homens para garantir o trono ao 262.º pontífice, autor de lutas intermináveis contra todos os livres-pensadores). "Não Matarás!" — imploram os 450 milhões de católicos (segundo estatísticas da Igreja) comandados pelo secretário do Papa, Monsenhor Tardini, na sua maioria terríveis assassinos. "Não Matarás!" — vomita o facinoroso Franco ao ouvir o matraquear das metralhadoras no campo de Bota, fuzilando os trabalhadores.

do Continente. Sua evasão foi assombrosa para nós que temos a infelicidade de conhecer esse matadouro humano. Respirou o ar da liberdade durante cinco anos. Embora há muito já tivesse terminado sua condenação, com os pulmões dilacerados e várias costelas quebradas, foi de novo preso em 1952 para a hedionda fortaleza sendo restituído à liberdade quando já o sangue lhe saía pela boca em golfadas, vindo morrer quase na viagem. E é com este "Não Matarás!" — que pensam entrar no Céu os farsantes jesuítas sem batina.  
 "Não há presos políticos em Portugal" — dizia o ditador português em 1945, com seu sorriso crônico de farsante, escondendo que, a essa data, Manuel da Silva Pinho estava, já havia cinco anos, retido numa enxerga, com mal-de-Pot, sem qualquer tratamento e Aníbal dos Santos Barata e Américo Fernandes, tuberculosos, continuando os companheiros sem ser removidos para qualquer Hospital. Outros havia e há ainda que, faz longos anos, sofrem os horrores das prisões, sem ser sequer julgados. E finalmente, para regressar ao continente, quase mortos, tiveram de pagar suas passagens, como Acácio Tomaz Aquino, Jaime Tiago, A. Gato Pinto, Joaquim Pedro, etc.  
 Há ainda os que da deportação vieram cegos como Vieira Alves (embora este pedisse insistentemente autorização para o deixarem fazer tratamento que pagaria todas as despesas) mas a polícia não o autorizou e assim ficou totalmente cego. Também José Augusto de Castro (a quem votamos extraordinária admiração), foi restituído à liberdade após longos anos de deportação com uma tuberculose óssea.

"Não Matarás!" — vociferava o ditador português Oliveira Salazar (maior católico que o próprio papa), enquanto suas vítimas são lançadas nos terríveis abismos que se chamam: prisões e onde morrem, diariamente, os condenados a morte lenta. Eis o destruidor, o terrível redemoinho que se assemelha ao inqualificável fenômeno do Maelström, narrado por Edgar Poe.  
 Em 1930, perguntava-se. Quem manda em Portugal? E Salazar! — respondia-se. Em 1940, o ditador português era Salazar! Em 1954, o tirano dos portugueses é Salazar! Que diremos em 1960? Certamente, o facinoroso-mor de Portugal será ainda Salazar! Com mais um soprinho de vida, o ditador assistirá ao desaparecimento de uma geração. Terrível destino é dado aos Martires de idéias políticas e sociais que sucumbem no Campo-de-Morte do Tarrafal e nas demais prisões, ante a hipocrisia do "Não Matarás!"

Por essa mesma época, o devotado anarquista José Rodrigues Reboredo, bravo animador da conhecida Emissora Fantasma (a emissora clandestina a serviço do povo espanhol durante a guerra civil naquele país) e o mais bem orientado revolucionário do norte de Portugal (Porto) depois de uma brilhante atuação na revolução espanhola, com a queda desta, foge para França onde é preso e conduzido aos campos-de-concentração daquele país, quando da invasão alemã.  
 Ali permanece até ser entregue à Polícia de Salazar. De novo cai no Campo-de-concentração desta vez no Tarrafal.  
 Restituído à liberdade vigiada, vem a morrer em casa, pouco depois. São estes e tantos outros atentados que deixamos em branco, praticados contra homens cujo único crime consistia em querer pão para os que o fabricam e passam fome.  
 São criminosos, diz a Polícia, porque reclamam aquilo que produziram e se estraga nas mãos dos que nada fazem.  
 São presos e mortos os mártires dum jesuitismo brutal, homens que não aceitaram a miséria imposta pelo parasita ao produtor.  
 Porque não concebem que essa legião de anônimos assalariados, cujas mãos edificam cidades com luxuosos palácios, durmam em velhas choupanas, senão poçilgas, ou nas calçadas das ruas.  
 Foram esses corajosos trabalhadores, os que tiveram a impressionante valentia de tomar a frente dessa enorme legião dos espezinhados, e gritar às sanguessugas da Humanidade!  
 "Abaixo a tirania fascista! Abaixo a exploração do homem pelo homem! Abaixo a tuberculose social! Abaixo a prostituição!"  
 Foram ainda esses bravos continuadores de Bakúnin que levantaram a bandeira da liberdade e proclamaram que o mando corrompe; é pois, uma necessidade derrubar a tirania dos governos e dar a cada ser humano, segundo suas necessidades e trabalhando conforme suas forças.  
 São esses admiráveis anônimos que representam, para nós, o símbolo dos Mártires mortos, no Caminho da li-

berdade.  
 Das dezenas de vítimas mortas nos presidios citaremos algumas: Lome-lino Lopes Lentes, Mário Castelhamo, Armando Simões Januário, Abílio Augusto Belchior, Pedro Matos Filipe, Joaquim Montes, Manuel Augusto da Costa, Vaz Rodrigues, Francisco Ramos Graça, Bela Kum, José Lopes, etc., etc.  
 "Não Matarás!" — repetia o ditador português enquanto eram metralhados e mortos, em pleno mar, os marinheiros que, em 1937, se recusaram a ir combater ao lado de Franco.  
 "Não Matarás!" — diz o jesuíta Mira da Silva, autor das "portadas científicas", carrasco instrutor da P.I.D.E. (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). "Não Matarás!" — repetia de joelhos o catolicíssimo Pinheiro Torres, ex-diretor da cadeia civil do Porto mandando atacar os presos (quando da greve da fome) de delito comum e político-sociais com granadas de mão de gases lacrimogênicos. "Não Matarás!" — exclama toda essa camarilha de salazaristas semi-selvagens, com voz de escárnio, na presença de crimes sem classificação possível, como aquele de que foi vítima Francisco Soares, que, espancado pela Polícia no Porto, morreu louco, dias depois.  
 Luiz Joaquim Portela, um dos mais energicos companheiros que conheci, militante dinâmico como poucos e de valor extraordinário no movimento operário além de possuidor de vasta cultura, foi arrastado por várias prisões do continente e ilhas, desde março de 1932 até 1947, ano em que conseguiu evadir-se da fortaleza de Peniche, um dos tantos mais terríveis

ta, por esse bando de fascistas sanguinários cobertos com a bandeira esfarrapada do "Não Matarás!"  
 Embora essas vozes fôssem sufocadas com a terrível mordaaça do fascismo-salazarista (como em tempo atrás sofreram dos republicanos) até descer ao túmulo, um ruído monótono e ensurdecedor sai do meio das trevas e exclamar:  
 "Assassinos! Assassinos!"

## DE ESPANHA

**Solidariedade Obrera**, clandestina reapareceu em Espanha, não com o ouro lanque nem com o ouro russo, mas graças ao denodado esforço e o sacrifício proletário, selado com suor lutas e sangue.  
 A indomável tocha libertária espanhola permanece em pé. Nada a desvia do seu primacial dever: a destruição da importação vandálica, o franquismo.  
 O pesado monstro recebe de novo os punhais da verdade.  
 Voz da justiça aberta contra os tiranos.  
 Grito de protesto contra milhares de crimes.  
 Eco redentor dos cemitérios franquistas.  
 Símbolo presente de que a luta prossegue.  
 Companheiros! Uma vez mais vos dizemos: *valor e continuar!*

# A Revolução Social Prossegue

Por CRISTOBAL GARCIA

(Especial para AÇÃO DIRETA)

Os acontecimentos das três etapas fundamentais da história das sociedades modernas: a revolução francesa, a russa e a espanhola (das quais as presentes e as futuras gerações, inspiradas pelo mesmo sentimento de dignidade individual e coletiva, que não aceita cangas nem sogas, coheirão, mercê das suas energias, opimos frutos) devem ser temas de reflexões de onde extraiamos ensinamentos aplicáveis às tarefas do presente e quanto possam desenvolver-se no futuro. Vejamos!  
 A revolução francesa de 14 de julho de 1789-93, teve seu significado: Abolição do sistema feudal, destruição do poder despótico de príncipes e senhores, liberdade dos vassallos, cuja influência logo se expandiu a todos os rincões com a *declaração dos direitos do homem!* teoricamente. Quebraram-se os poderes divinos e nasceu a confiança nos humildes, descebrando-se, na associação dos seus esforços, o meio de luta para abater os bastiões da tirania. A tomada da Bastilha assinala, na história, o princípio de uma época, tal qual amanhã se há de estimar Ataraxasna, de Barcelona, ou o quartel da Montanha de Madrid, feitos sublimes de significação social proletária, indicadores da capacidade combatente do proletariado, organizado sob a divisa internacionalista: "A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores".  
 O cerco pôsto à revolução francesa por príncipes e reisitos, solidários com a aristocracia vencida, não pôde impedir a ampliação da boa nova, que injetou, nos demais povos, espírito renovador.  
 A revolução russa de outubro de 1917-18 foi precisamente o contrário: acabou o e predominio dos tzares; mas, ao implantar a chamada *ditadura do proletariado*, como realização do comunismo de Estado, admitiu que os homens continuem subjugados, sem liberdade própria. Ela dita e impõe todas as novas fórmulas econômicas do capitalismo moderno. Ela criou o sistema econômico russo, com seus planos quinquenais, seus métodos de trabalho disciplinar, sua monstruosa submissão do homem ao Estado, do homem à gigantesca engrenagem de uma desumanizada maquinaria. Ela determinou e alimentou espiritualmente o nacional-socialismo alemão, o fascismo italiano, os arre-

ganhos de capitalismo de Estado norte-americano; estimula o fascismo popular e demagógico de Perón na Argentina, de Franco e da própria falange espanhola, com seus sindicatos verticais, vinculados ao Estado.  
 A revolução espanhola de 1936, com seus novos princípios políticos e econômicos postos em prática, levantava-se com extraordinária força e simbolismo. Significativa o levante pela liberdade integral, a *AÇÃO DIRETA*, eficaz contra o fascismo. E o exemplo mais sublime que já deu algum povo, na história dos povos contemporâneos, de resistência ao fascismo. E a revolução de maior conteúdo e transcendência social, de mais avançado espírito livre, de mais profundo sentido em todas as épocas. E a força triunfante de amanhã. Não foi vencida, nem falhou. E a aurora no ocaso de um mundo decrepito. Reflete a capacidade construtora de um povo criando sua própria obra. Não deve, não quer ser atraído. Não quer migalhas de liberdade. Quer a liquidação total de Franco e sua ditadura falangista; quer uma Espanha livre.  
 Foi a demonstração viva das possibilidades humanas, do que podem fazer os homens e os povos educados na liberdade, pela liberdade e para a liberdade, com moral livre, com educação social que pelos mesmos crie os fontes do direito, da justiça e do dever, a concepção do trabalho como exercício de um direito social e concepção da vida sã, ditosa, harmoniosa e equilibrada como dever social. A República espanhola de 1931 perdeu-se por haver perseguido a C.N.T., por não deixar que os obreiros vivam e se organizem segundo suas aspirações, seus ideais de liberdade.  
 Qual houvera sido o porvir da Europa e as possibilidades franqueadas à humanidade se houvesse o espírito revolucionário de 19 de julho de 1936 conseguido triunfar na Espanha contra o fascismo; se a solidariedade internacional dos trabalhadores houvesse sustentado nossa revolução; se ela e as relações socialistas que a mesma gestava, se houvessem alargado por todo o mundo?  
 Um mínimo apenas de correspondência ao valor manifestado há dezesseis anos por nosso povo haveria evitado não poucas catástrofes ocorridas nesse período e por ocorrer ainda. O destino da humanidade seria, sem a menor dúvida, mais feliz com

a revolução social espanhola vitoriosa. Seu exemplo construtivo, demonstrando a ineficácia da ditadura, seria farol de atração para todos os amantes do socialismo na liberdade, do comunismo libertário, início promissor da nova era de paz e fraternidade universais.  
 Não somente a vida do povo espanhol, senão a dos demais povos, depende da atitude revolucionária do proletariado organizado mundial.  
 O cerco à Espanha se fez com o só e exclusivo fim de impedir que a revolução social prosseguisse lá e ela fizesse sua própria vontade, consonante preceitua a famosa *Carta do Atlântico*, na qual se estabeleceu que os povos seriam donos absolutos de seus destinos, livres de escolher o regime que lhes aprouver. Porém, assim não foi. Todos sabem que a Espanha pôde ser, algum dia, a tocha revolucionária que alumiará o mundo inteiro com seu exemplo. As chamas podem pegar nos demais países e sobretudo naqueles em que o mundo do trabalho desperte do seu maior letargo, e isso não convém às democracias.  
 Se fomos vencidos pelas forças das armas; se nos reduziram pelo isolamento e pela asfixia, não fomos vencidos no terreno da idealidade que é, no fim, a mais fundamental das concessões sociais. A classe trabalhadora espanhola iniciou uma era de formidáveis agitações, de profundos selmos que não terminarão até atingir-se o fim ineludível, determinado pela história, pela evolução das sociedades, pelo curso das idéias morais, pelo progresso científico, pelos princípios da economia e da evolução dos homens.  
 E tudo isso ficará registrado na colação de documentos e fatos que não de servir um dia aos historiadores para mal dizer aqueles que tanto sangue e lágrimas fizeram verter afim de manter o princípio da autoridade, a disciplina do Estado.  
 E não vacilemos tantas vezes em afirmar que o juízo do tempo será duro e severo com os que, na Espanha, dizendo-se socialistas, comunistas ou republicanos, se quiseram às realizações de uma revolução social que, imediatamente, apesar de todos os obstáculos ao caminho da emancipação, cavaria os sulcos de uma profunda transformação da sociedade inteira.

# DIREITO AO FILHO

(Continuação da 2.ª página)

— Como? Não se casou?  
 — Não! disse Adela evasivamente. Entra! entra!  
 Entraram, Adela caminhando a passo vivo, Rogério mirando os lugares, os rincões, os móveis, com emoção reconhecente.  
 — Rosa Maria! Rosa Maria! gritou Adela. Vem ver quem se acha aqui!  
 Aos gritos da tia, apareceu, à claridade matinal que entrava pela reixa de ferro lavrado, a figura de Rosa Maria.  
 Rogério dirigiu-se para ela, logo a reconhecendo, embora percebendo o curso fatal dos anos.  
 — Reconheces-me? Rosa Maria! perguntou com voz trespassada.  
 Ela sentiu rebolcar-se-lhe o coração. Dando dois ou três passos, pegou nas mãos de Rogério e o puxou para a luz. Seus olhos observaram rapidamente o rosto de Mendoza com esse olhar inquieto e ternamente zeloso que o amor confere à mulher.  
 Se Rosa Maria mudara, também mudara Rogério. Seu rosto já não tinha o róseo de outrora. Sobre o negror de sua espessa barba e da cabeleira pintalgada de branco ressaía uma palidez mate.  
 Era, todo ele, um cavalheiro de nobre e triste porte, figura austera e magra, recordação das silhuetas do "Entérro do conde de Orgaz" que evocava um d. Quixoate enobrecido e aformoseado por um sópro de juventude e ideal.  
 — Não me conheces? Rosa Maria! repetiu ele sorrindo triste.  
 — Como não conheço? Mas estás muito magro. Estiveste doente?  
 — Não. Sofri muito.  
 — E agora? És feliz?  
 — Sim! disse ele animado. Agora sou feliz. Não estou rico, mas achei a felicidade, a paz de espírito e a de coração. És tu? Rosa Maria! Como não te casaste? Quão linda eras! Ainda o és, mas perdeste a alegria, o viço da juventude. Porque não te casaste? Rosa Maria!  
 Uma onda de sangue rejuvenesceu o rosto da pobre mulher.  
 — Porque não! disse, tentando serenar-se e sorrir.  
 — Pretendentes não te hão faltado com certeza.  
 — Não!... mas eu esperava.

— Que esperavas? Rosa Maria! perguntou ele mirando-a com expressão de angústia que ela surpreendeu.  
 — Esperava o homem que eu havia de amar.  
 — E não veio esse homem?  
 Rosa Maria não respondeu. Deu meia volta para dissimular sua profunda turvação e disse:  
 — Mas que fazemos aqui em pé? Vamos para o salão. Lembra-te? Ali passávamos então, todo o dia, tu e titia cosendo, meu avô lendo ou falando. Ali nos encontravas tu quando voltavas, à noite, cansado de labutar. Lembra-te?  
 — Como não? Rosa Maria! Acaso se esquecem essas cousas?  
 Entraram no salão, espécie de galeria coberta que flanqueava a casa. O sol a inundava, Rogério identificou todos os objetos e a imobilidade de quanto, quatorze anos atrás, envolvia aqueles tempos felizes.  
 — Tudo como dantes! Nada mudou. Só nós mudamos um pouco, eu pelo menos, de dentro para fora. Sentaram-se em dois cadeirões baixos, um ante o outro, observando-se fitamente. Rogério mirava Rosa Maria, examinava-lhe o rosto nobre e triste com emoção crescente. Presentia comovedor mistério que a junção àquela celibata, àquela soledade fiel e obstinada. Ela, por seu lado, sentia abrasar-lhe os lábios uma pergunta, sem ter forças para formulá-las.  
 — Porque não te casaste? Rosa Maria! repetiu ele baixinho. Que será de ti só, neste casarão, sem marido nem filhos? Que seria de nós se, quando velhos, não tivéssemos, a nosso lado, braços que nos sustentassem? E não vazio nossa vida se não pudéssemos empregar sua potência de amor nos seres que nos saem da carne? Porque não te casaste? Rosa Maria!  
 — E tu casaste? perguntou ela por fim, com os lábios secos e descorados.  
 — Eu? sim! exclamou inclinando a cabeça, quase como culposo. E tenho três filhos.  
 Ela ficou imóvel, cravada na cadeira. Sentiu romper-se-lhe algo dentro, retinir-lhe na cabeça estranho ruído, desaparecer-lhe tudo na eternidade de um segundo. Pensou confusamente que se findava o mundo, o sol parara, cessara a vida em seu redor e dentro das veias.  
 Rogério deveria ter pressentido, na deformação das feições, o fim de quanto se consumava naquela alma. Inclinando-se para ela, tomou-lhe as mãos e beijou-as. Deslizou do assento e ajoelhou-se aos pés de Rosa Maria.  
 — Perdoa-me, perdoa-me! Quão culpado sou para contigo! Mas, quem houvera pensado em que ainda me esperavas? quem poderia adivinhar que um amor, apenas insinuado, deveria apro-

fundar-se tanto em tua alma? Tenho vivido uma vida áspera e trabalhosa. No dia em que adotei idéias acordes com a dignidade do homem, no dia em que vi de perto a dor e a injustiça do mundo e minha consciência me impôs o dever de lutar contra elas, comecei meu calvário de moderno Cristo. Não sabes nada disso. Rosa Maria. Passei anos de perseguição, de fome, de cárcere e um dia, faz oito anos, passou por mim uma mulher inteligente e boa, que me compreendeu e amou, que recolheu nos braços toda a grande ternura que de minha alma transbordava. Uni-nos o amor e ele nos deu a felicidade e três filhos. Perdoa-me, Rosa Maria, perdoa-me. Mas tu, porque me esperaste?  
 — Porque nenhum homem conseguiu fazer-me esquecer-te. Tu, mais ditoso, encontraste a mulher que apagou de tua alma a pobre visão minha. Eu... estás vendo... esperi-te... Sou dessas mulheres um pouco ridículas, que esperam sempre.  
 A voz lhe tremia e os olhos estavam secos e lucilantes. Levantou-se e Rogério a imitou.  
 — Desculpa minha visita. Vinha certo de encontrar-te casada e ditosa. Chegamos, há cousa de um mês, à Espanha. Um dos meus primeiros pensamentos foi vir até aqui, permanecer uns quantos dias nos lugares mais felizes de minha vida. Agora compreendo quão importuna e molesta é minha presença aqui. Já te vi e me vou com pena e não avalias com que remorso.  
 Rosa Maria replicou vivamente:  
 — Não quero que te vás. O passado passou. Nesta casa onde tanto trabalhaste e onde tanto te estimamos, tens direito de permaneceres quanto quieras. Olvidemos esta cena e queiramos-nos como velhos amigos, como irmãos reencontrados ao fim de muitos anos. Vem. Levar-te-ei ao teu aposento. Está qual no dia em que partiste.  
 — Rosa Maria!  
 — Não insistas Rogério. Se te fores imediatamente depois do sucedido, considerar-me-ei ofendida.  
 — Então ficarei.  
 Rosa Maria foi à frente, guiando-o até o quarto outrora ocupado por ele. Rogério a seguia admirando em silêncio o corpo que se lhe reservara e que os anos não destruíram ainda.  
 Rogério pôs no leito a manta de mão. Rosa Maria, no umbral da porta, aparentemente tranquila, disse:  
 — Estás em tua casa. Voltas a tua casa! insistiu com débil sorriso.  
 Ele a fitava com olhos úmidos. Sua voz trêmula disse:  
 — Obrigado, Rosa Maria, obrigado. Que nobre e que boa és tu!  
 (continua)

# Resposta a uma Carta

Um simpaticante, o Senhor Medeiros Lima, de Belo Horizonte escreve-nos pedindo esclarecimentos sobre pontos para ele obscuros, mais importantes. Vamos responder-lhe por partes.

1. Se Oiticica é o líder, no Brasil, do movimento anarquista.  
O Sr. Lima vê líderes em todas as agremiações políticas, religiosas, dançantes e até carnavalescas. Todas têm seu líder, um homem que manda, dirige, exerce decisiva autoridade em tudo e sobre todos. E natural que suponha haver no movimento anarquista coisa igual. Entretanto, neste ponto, enganase redondamente. No movimento anarquista não há líderes, nem chefes, nem chefetes, nem chefões, indivíduos que mandem, determinem, programem, sequer dirijam. Nesse movimento, de homens inteiramente livres, há acordo, combinação, resoluções comuns, por unanimidade. Assim sendo, não é possível apontar líderes. Cada qual contribui com suas possibilidades.

O companheiro Oiticica, dado seu conhecimento da língua, seu longo trabalho na imprensa e sua cultura geral, é naturalmente indicado para dirigir Ação Direta. Outros, em cada setor, muito mais capacidade possuem que ele e são acordermente indicados para tal ou qual posto. Nenhum de nós, anarquistas, porém, considera Oiticica chefe de coisa alguma e ele próprio repeliria qualquer insinuação em tal sentido.

Não quer dizer isso que falte ao movimento anarquista direção. Direção pode não ser cumprir ordens. Nossa direção resulta de acordos e compromissos assumidos livremente em reuniões mensais, em plenários regionais e em congressos nacionais ou internacionais.

2. Se há Federação Anarquista Brasileira. Resposta: não. Houve e

bastante influente. Os sucessos de 1918, de 1924 e, posteriormente, a ditadura getulista prejudicaram enormemente o movimento anarquista de dois modos: por dispersão dos anarquistas com deportações; por proibição de atuarem estes nos sindicatos oficializados ou nas fábricas.

Entretanto, com o renascimento das atividades anarquistas após a ditadura, cogitam os anarquistas de recompor sua Federação. Reconhecem, todavia, estarem longe disso, porquanto os sindicatos estão desertos e o anarquismo não é doutrina para granfinos, para partidos eleitorais, para carnavalescos, nem para escravos ou comodistas.

3. Quantos são os elementos militantes.  
Resposta: não sabemos. Não somos partido político, interessado no voto. Por isso, não nos preocupa o quantos. Também não possuímos brigadas de choque para assaltos ao poder. Para tais coisas, deve haver fichamento rigoroso. Nós não fichamos nem marcamos a ferro em brasa garrotes ou novilhas. Não queremos rebanho. Podemos asseverar que já fomos muitos no Brasil e hoje somos poucos. Temos, entretanto, a certeza de que voltaremos a ser muitos. Pouco a pouco, vai crescendo o número.

4. Se há escritores, artistas, etc. dentro do movimento. Claro que sim: professores, médicos, estudantes, todas as classes sociais. É certo, porém, que, sendo o movimento anarquista essencialmente antiestatista, antiburguês, antipolítico, anticlericalista, poucos burgueses, nenhum beato, nenhum político por mais da esquerda que se diga, poderá ingressar no anarquismo. Para ser anarquista há de a pessoa renunciar a toda veleidade de mando, domínio, autoridade, chefia, etc. e

essa renúncia, no ambiente capitalista, é difícilíssima.

5. Qual a posição do anarquismo ante o livre-cultismo, existencialismo, nudismo, naturismo, amor-livre, anarco-individualismo, auto-anarquismo, sindicalismo.

Resposta: o anarquismo põe, acima de tudo, como primado social, a liberdade de pensamento e a liberdade de experiência. Sempre defendeu o amor livre que não é amor promíscuo, senão o amor libertado das peias econômicas e da tutela jurídica ou religiosa. Todos os modos de vida são inteiramente respeitados e licitos desde que não atentem contra a liberdade alheia. O anarquismo não entra no mérito desse ou daquele processo higiênico, filosófico ou social, pelo simples fato de que anarquismo não é dogma, não é estatuto, não é escola, não é instituição, não é cúria, não é tribunal, não é regulador de consciências, nem exerce fiscalização policial ou universitária sobre coisa alguma. Se um grupo de indivíduos desejam viver nus sem prejudicar a vida alheia, que vivam! Se um grupo qualquer deseja praticar o espiritismo, é lá com eles. Intolerável seria que pretendesse impor aos mais qualquer decisão, ordem ou conselho dos guias.

Está bem claro, parece.  
Quanto ao sindicalismo é puro método de luta; não é filosofia, nem sistema social. Criaram-se os sindicatos como tática de união dos trabalhadores para se entenderem na luta contra o patrão e o Estado.

Entendem os anarquistas que, acima do sindicalismo, limitado aos trabalhadores do campo, da indústria e do comércio, está o apoio mútuo de todos os homens, os que exercem atividade útil fora das classes sindicalizadas. A criação de sindicatos liberais é invenção do Estado totalitário para confundir as coisas e atirar poeira aos olhos dos produtores braçais. Sindicatos de médicos, professores, advogados e outros semelhantes, são sindicatos tipicamente burgueses, opostos em tudo aos sindicatos de índole revolucionária, antipatronais e antiestatistas.

Prosseguiremos no próximo número.

# O TRIUNFO DOS CANIBAIS

Por NEMO

Todos os povos possuem liberdades invioláveis: a de suas terras, suas idéias, suas crenças.

Com descarada violência, o reverendo Tio Sam as viola. Com cínica desfachatez, o Krêmlin as assassina. Com boas palavras e más ações, o primeiro obedece a seus trust; com seus clarins de profeta e seus monstruosos fatos, o segundo serve seu capital.

Mãos rubras de sangue cobrem o mundo. Os dois são culpados: Washington e Moscou; Washinton que mente e Moscou que engana. Ambos gritam estrepitosamente por sua verdade muito diversa da verdade social, que sai dos povos. Todos os imperialismos criam a sua, distinta da do contrário, base de argumentação em suas deslavadas empresas.

Essas falsas verdades vendem-nas, seus Estados. Fraseologia variada que seus ministros, seus generais e seus teólogos vociferam entre si.

A liberdade de Washington é hostil à de Moscou. O comunismo de Moscou é mentira em Washington.

Para nós, libertários, que conhecemos os políticos e seus Estados e temos sofrido suas malversões, todos são a mesma coisa, nefastos em geral. Chamem-se vermelhos ou brancos, de Washington, de Moscou, do Vaticano, de Londres ou de Paris, representam para a humanidade o trágico aparelho do imperialismo capitalista, com a bárbara ambição de manter a exploração e o escravismo entre os povos.

Por necessidades de equilíbrios e rivalidades de ambiciosos lucros, fabricam esse vocabulário de falsas palavras, as quais, vomitadas entre si, desmentem as do vizinho. A religião e o capitalismo lutam nesse peço em que, com frases aduladoras de fraternidade, acordam e incrementam o ódio.

Admitamos que existam direitos, com a condição de que se encerrem na sua esfera e não prejudiquem ou tencionem prejudicar o vizinho. Porém, quando se querem impor, convertem-se em tiranias que imperiosamente devem ser combatidas pelas consciências livres.

O que eles chamam suas verdades é a negação absurda dos patentes e concretos realismo que a emancipação social, oferece ao ser humano. Daí esses permanentes conflitos entre os impérios capitalistas e os povos. Daí essas lutas pelo combate da razão. Daí todos esses estratagemas criados pelos Estados com o fim de frear o movimento, de assassinar a liberdade, de criar o fanatismo, de manter a exploração.

Uma obra violenta, a que o capitalismo dá o nome de verdade anticomunista, acaba de efetuar-se e o sofrimento povo de Guatemala entra na horrível insônia das tiranias. Guatemala terá uma tirania lanqui estranharizada, que imporá seu jugo militar, sua disciplina aos espíritos e suas cadeias às consciências. Terá também, nossa saudação reivindicativa e o apoio e a simpatia das raças oprimidas.

Que representa esse anticomunismo? A conquista e a rapina. Mas nada. A United Fruit Company (U.F.C.G.), com seu estado-maior em Boston, Massachusetts, que escraviza, há anos, tirania e mata o povo guatemalteco. São os plagiadores de Lolola que, em suas ânsias de bandidismo, formam o trust dos senadores lanqui.

Em seus sonhos de domínio, vemos a U.F.C.O. financiar as eleições de Eisenhower e, com seus dólares, colocar seu acionista, o senador Henry Cabot Lodge, na direção oficial da campanha presidencial. Tudo isso pago com o sangue e o suor do pária guatemalteco.

Sua força de exploração é enorme. Em Guatemala se acha representada pela U.F.C.O., pela I.R.C.A. e pela C.A.G. Seus primeiros passos se podiam começar com as tiranias. Foi em 1901, durante a ditadura de Estrada Cabrera, que ela se estabeleceu nas terras de Motagua e logo se apoderou do melhor do país. Seus planos maquiavélicos de conquista foram fixados numa carta, já pública, do gerente H. V. Robston a seu metrefete Luis Molara, como diretiva de ação naquelas terras. Só citaremos parte de dois dos seus vários pontos:

- n. 8) ... Cumpre proceder com subtileza, não se expondo a nenhuma idéia que justifique pretensão dominadora.
- n. 9) ... Devemos prolongar a vida trágica, atormentada e revolucionária desse povo em nosso proveito. Inverossímil, mas certo.

O vergonhoso é que esses déspotas encontraram sua malta no próprio Estado e suficientes bandidos nos políticos para desenvolver seus planos.

Assim, essa empresa do tio Sam, em 1950, explora em Guatemala: 500 acres de terras; 68 navios; todas as estradas de ferro; todos os portos e cais; 46.000.000 de dólares em edifícios; 40.000.000 de dólares em animais. Tem um capital global de 516.251.744,35 de dólares: 40 por cento da riqueza total do país! E os salários dos seus operários? Vejamo-los:

Trabalhadores	
do Campo	0,26\$ por dia
indústria	0,85\$ por dia
comércio	1,30\$ por dia

Por vergonha, equivalem a uma percentagem 15 a 20 vezes menor que os pagos nos Estados-Unidos.

Não é tudo. Para salvaguardar todos os seus privilégios e manter suas arbitrariedades, dispõe de uma milícia armada. Conhece-se no país com o nome de grupos de choque anticomunistas. Foram essas forças que intervieram nas 33 conspirações provocadas nessa nação no decorrer de 9 anos.

Também legalizou seus crimes. Em 1944, fez ditar uma lei pelo ditador Ubico, segundo a qual ficava nula a responsabilidade criminal por assassinato de qualquer pessoa realizado em propriedades próprias.

Foi por pressão dela que se aboliram as organizações obreiras, as leis de trabalho, sendo suprimida a palavra obreiro e substituída por empregado. A primeira, parece, tinha alguma ressonância comunista.

A exploração descarada desse trust atinge um ponto que parece incrível. Seus trens são os mais caros do mundo e os transportes de mercadorias são mais baratos de Londres a Nova York, do que de Puerto de Barrios à cidade de Guatemala.

Se não fora suficiente isso, adicionariam que seus contratos de exploração, assinados pelo general Orellana, estendem-se do 1.º de março de 1923 ao ano 2009.

Eis aí as referências dos que se atrevem a gritar a um povo que o comunismo os ameaça.

A um povo esfarrapado, faminto, que, faltando-lhe tudo, possui o direito normal de satisfazê-lo e, passando por todos os sofrimentos, possui a legitimidade de todos os seus atos. Não obstante com tanta privação, tanta miséria, tanta febre e tanta ambição, dá esse povo, à consciência do mundo, o magnífico exemplo de, sendo os de baixo, serem os moderados, e sendo os desgraçados, serem os bons de sentimentos e coração.

Vejamos agora o motivo da acusação desses imperialistas da Casa Branca. Esse povo mártir, com seus 75,8% de descalços, com seus 72% de analfabetos, com um Estado cujas leis lhe proíbe circular pelas principais ruas da capital, para não incomodar os turistas, tem um instinto: a Revolução, uma grande luz: a verdade. Foi por temer essa verdade, manacial da justiça, que o Estado burguês existente afim de manter o equilíbrio, teve o atrevimento de confiscar-lhe 83.299 hectares de terras não cultivadas.

Aí está o comunismo.

Os canibais lograram seu fim e as terras foram de novo recuperadas. A U.F.O.G. terá exclusividade em Guatemala. Não nos indignamos só de um lado. Os fatos são idênticos ante os imperialismos dos Estados.

O contemporâneo é o do tio Sam e do papa Malenkov. Os dois estendem as unhas, um com suas verdades de anticomunismo e o outro com seus rótulos de antipermissalismo. Respeitam-se mutuamente. Necessitam um do outro. Representam um para o outro a necessária válvula de escapeamento para segurança de não arrebentarem a caldeira social.

Povo sofrido guatemalteco! saudando-vos dizemos-vos:

A natureza vos deu vosso solo, vossas idéias e vossas crenças; o imperialismo capitalista vos tirou as terras e lhes pôs barreiras, entrou em vossas aldeias, nelas meteu esbirros, cerceou vossa liberdade e vos atirou cadeias, tomou-vos os braços e roubou vosso suor, entrou em vosso lar e aviltou vossa família.

Virá o drama de liberdade. Virá, representante irrevocável e permanente, com seu poder, com a vontade de seu porvir.

Virá abraçando os oprimidos com sua grandeza, herói da justiça, redentor da humanidade.

Seu nome? REVOLUÇÃO SOCIAL E COMUNISMO LIBERTÁRIO.

# As Mistificações da Previdência Social

Esse é o título de um artigo do jornalista e vereador Raymundo Magalhães Junior no Diário de Notícias do dia 20 de junho de 1954.

O sr. Magalhães Junior assistiu à inauguração do segundo congresso regional de previdência social. Nele se debateram várias e importantes teses, assevera o vereador. Diz não ter perdido o tempo em seguir os debates pois ouviu ali críticas sinceras, honestas, francas, bem fundamentadas. Essas críticas diz ele, constituíram verdadeiro libelo contra o estado atual em que se encontra a previdência em nosso país.

Se o sr. Magalhães Junior pudesse dispor de um tempinho para ler Ação Direta, veria que, há muitos anos, desde que aparecemos, batemos nesta perigosa teia. Previmos, nós anarquistas, desde o início da propaganda trabalhista com Lindolpho Collor, que esses Institutos seriam, além de vergonha para os trabalhadores, considerados incapazes de gerir seu dinheiro, centros de rapinagem e manipulações políticas, o mais descarado processo de enganar os trabalhadores, a mais sábia morfina preparada pelo capitalismo para esmorecer a força reivindicadora dos explorados, o mais satânico expediente para anular os sindicatos operários dando aos trabalhadores da nova geração o sentimento de excepcional grandeza.

Transcrevamos e comentemos o vereador. Diz ele:

"Nenhum dos oradores deixou, por exemplo, de aludir ao fato de estar a previdência colocada numa base falsa, em razão da falta de cumprimento das obrigações a que estão sujeitas as organizações governamentais pela legislação em vigor. As contribuições da Central do Brasil, da Cesteira, do Lóide Brasileiro e outras entidades autárquicas atualmente em atraso se elevam a cifras astronômicas. Somentente ao Instituto dos Marítimos, devem as organizações sob o controle do governo nada menos de duzentos milhões de cruzeiros neste momento! Em vez de cumprir o governo as obrigações a que está sujeito o que faz é aumentar o peso das contribuições sobre os empregados, estes, sim, impedidos de ficar em atraso, até porque suas cotas são deduzidas nas próprias folhas de pagamento. Foi também muito criticado o governo pela maneira tortuosa, equívoca, traiçoeira mesmo, com que encaminhou para uma solução em tudo e por tudo desfavorável ao interesse dos trabalhadores a questão do seguro de acidentes. Propôs o governo o monopólio desse seguro pelos institutos, o que proporcionaria o aumento dos benefícios e a diminuição das taxas, e depois, para atender a interesses privados, não só mudou de parecer, como ainda revogou uma antiga disposição de lei que permitia aos institutos operar em seguros, a fim de deixar o campo livre às companhias seguradoras particulares. Foi uma vergonhosa e triste capitulação do governo, que se desmarcou e mostrou claramente sua submissão a interesses que não podem de modo algum ser confundidos com os das classes trabalhadoras."

Mal saíram as leis sociais com aquela tríplice cota mensal, uma dos trabalhadores, outra dos empregadores, outra do Estado, logo afirmamos, nós, anarquistas, a impossibilidade material de acudir o Estado com sua parte.

Nenhuma dotação orçamentária houve no primeiro ano. Os organizadores do orçamento atinaram logo com a vultuosidade da verba e incapacidade do Tesouro Nacional para com ela arcar. E, assim, nunca mais tomaram conhecimento sequer dessa obrigação.

Entretanto, demonstramos que, das outras duas cotas, recada todo o peso nas costas dos trabalhadores porquanto aos empregadores facilmente seria aumentar o preço dos seus produtos. O Estado, relapso em sua cota, não teria autoridade moral para exigir a não elevação dos preços. Esta consequência dos trabalhadores restituição do que pagaram os patrões. Argumentávamos que felizmente o Estado não contribuía, porque, para isso teria de agravar os impostos e estes levariam as despesas mensais dos trabalhadores. Assunto vivo, portanto.

Prossegue o vereador:

"Outras críticas, não menos veementes, nem menos justas, foram feitas ao modo pelo qual vêm sendo administrados os institutos, que deixam de estar a serviço dos contribuintes, que pagam para mantê-los, para se converter em presa fácil de insaciáveis apetites partidários. São os institutos, a começar pelo IPASE, uma parte escolhida dos despojos recolhidos pelos grupos políticos vitoriosos. Reclamam esses despojos, desde logo, partidos que só sabem dar apoio ao governo estando de boca cheia. Os cálculos políticos, as distribuições de posições, não são feitos apenas à base de ministérios, de indicações de candidatos aos governos dos Estados e ao Senado. Abrangem também os institutos, em que se aboletam indivíduos sem nenhum título ou capacidade, sem nenhuma experiência no campo da previdência ou das lutas sindicais, e que fazem dos institutos simples agências eleitorais, simples dependências de partidos políticos, despendendo o dinheiro dos trabalhadores em coisas que a estes em absoluto não interessam. Os representantes dos sindicatos de empregados reunidos no Congresso Regional de Previdência Social revelaram um pensamento unânime neste ponto: o de que os institutos devem ser administrados pelos trabalhadores, no interesse dos trabalhadores, e não no interesse de quaisquer grupos políticos partidários."

Que a administração dos Institutos ia cair na mão dos políticos eram favas contadas. Se a administração dos bens dos próprios sindicatos não pode ficar com estes; se estes nem podem possuir em caixa as contribuições sindicais, quanto mais o resto. Esses Institutos seriam administrados por diretores nomeados pelo governo e a este somente interessaria dá-los a amigos políticos. Com os hábitos do Brasil, era evidêntissimo que se instalaria um regabofe permanente.

A administração pelos trabalhadores, segundo queriam os congressistas, é somente passar o bôlo da mão direita para a mão esquerda. Seriam administradores pelegos sindicais com os políticos ao lado, todos apostados em avançar o mais gulosamente possível nos pitêus acumulados.

Travar-se-ia, dentro dos Sindicatos, infrene luta para guindarem-se os mais espertos à posição saliente. Candidatar-se-iam ao abiscoitamento, coisa velha na vida sindical com direções perpétuas.

Continua o vereador:

"Igualmente criticada foi a aplicação das reservas financeiras desses institutos, as quais o governo e seus delegados manipulam a seu talento, sem dar a menor satisfação aos contribuintes. Comentou-se o fato de que o governo anunciou, ainda há pouco, que vai edificar, em Nova York, uma suntuosa sede para o Escritório Comercial do Ministério do Trabalho, utilizando disponibilidades financeiras dos institutos. Outras vezes, fazem esses institutos empréstimos a empresas de vários teor, de finalidade lucrativa, gerida por particulares e no interesse de particulares ou servem de escoras a bancos periclitantes, que abiriam falência se fossem intimadas a restituir o capital que nêles foi depositado de favor. Enquanto isso, as condições da previdência social são as mais deploráveis, no que concerne ao atendimento dos casos de enfermidade e de invalidez, como sob vários outros aspectos."

Tudo isso confirma o que daqui temos reiteradamente denunciado, com a seguinte pergunta de alerta: **Aonde vai o dinheiro dos trabalhadores!**

O sr. vereador conclui o seu artigo precisamente como seguidamente temos concluído vários nossos.

E só ler:  
"Vêm assim os trabalhadores que estão sendo enganados, ludibriados, embalados com falsas promessas, mas começam a abrir os olhos, a verificar as mistificações de que o governo os rodeou, a se esclarecer e a ter consciência de seus direitos. Eis o que realmente importa, num Congresso como esse a cuja instalação acabo de assistir. Seus debates valem, acima de tudo, como uma denúncia, como um "exposé" como um libelo contra a demagogia oficial."

Aí está, na boca de um vereador, dito socialista, a confissão expressa de que tais leis de previdência aqui e em toda parte, ainda quando muito honestamente aplicadas, são puro engodo, mel pelos lábios para fludir incautos.

# FALAM AS JUVENTUDES LIBERTÁRIAS DO URUGUAI

Na tremenda luta recentemente iniciada no Uruguai onde o governo tenta absorver totalitariamente os sindicatos, imitando Getúlio, Perón, outras repúblicas sulamericanas e os sovietes russos, publicaram as juventudes libertárias excelente manifesto. Dêsse documento extratamos o seguinte, referente à posição desses jovens no problema sindical. Dizem eles:

"Repudiamos o economismo, que pretende que os sindicatos cuidem, única e exclusivamente, dos problemas econômicos imediatos dos trabalhadores. A maior parte dos males que atingem o movimento sindical atual, se deve a essa desorientada ação para conseguir nada mais que melhores salários através de instituições estatais como os Conselhos de Salários, os quais só têm conseguido uma coisa: adormecer o espírito de luta dos trabalhadores, levando-os a pedir e suplicar ao parlamento e aos ministérios, tirando esses problemas da luta sindical. Indiretamente, a política economista dos sindicatos

faz destes organizações a serviço dos que estão ou aspiram ao poder, portanto, não intervindo nos problemas sociais, deixa aos políticos o cuidado de fazê-lo.

Afirmamos que a questão social é inerente à sociedade inteira e que seu estudo e soluções não são privativas de nenhum grupo ou setor; ao contrário, compete a qualquer indivíduo das organizações populares. Os sindicatos devem formular esses problemas e encarar suas soluções por meio da ação direta, a qual significa: tratar sem intermediários, trabalhadores contra patrões, como tática de luta, e coletivização das riquezas e administração direta destas numa sociedade sem propriedade privada sem parasitas burocratas, sem capitalismo nem Estado.

Por isso, pregamos o antipolitismo por significar negação de se poderem solucionar, por via estatal, os problemas segundo os verdadeiros interesses da sociedade e afirmação de que o estudo, discussão e solução desses problemas competem à sociedade

toda por intermédio de organismos populares como sindicatos, comunas, cooperativa, ateneus, etc., constituidos pela voluntária associação livre dos indivíduos.

A solução da questão social independentemente da político-estatal e sua administração por parte de organismos populares significa maior justiça social, mais liberdade e maior consciência, no homem, do verdadeiro papel que ele desempenha na sociedade. Ele não é coisa abstrata; não é coisa mecanizada; não é coisa que outros homens mandam e manejam, senão ser que raciocina, discute, opina e decide em todos os problemas gerais. As restrições à sua ação, não impostas por ninguém, é de aceita voluntariamente por compreender que a vida coletiva se pauta pela tolerância, respeito e solidariedade."

Proclama, concluindo, o fim da luta sindical permanente: instauração de uma sociedade federalista e anárquica, sem Estado, capitalistas, dinheiro, exploradores de qualquer casta ou feito.